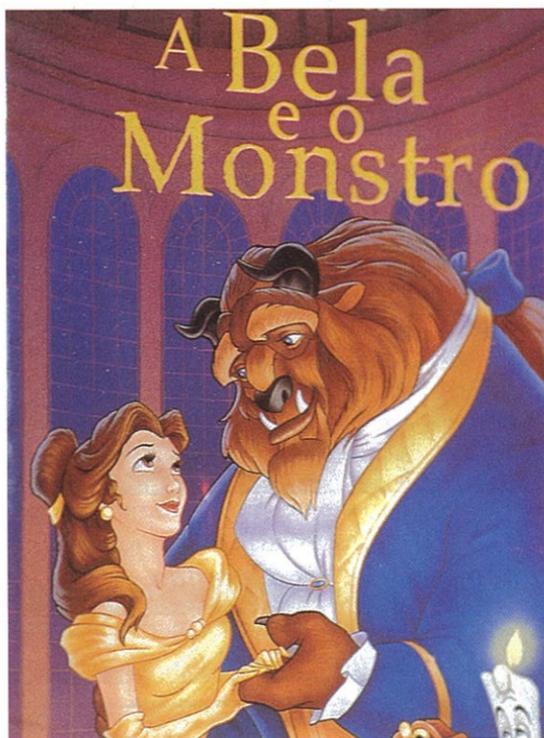


A ESCOLA E OS MONSTROS: SER OU NÃO SER BELA, EIS A QUESTÃO

MARIA EMÍLIA COSTA

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação do Porto



Todos conhecem a história da Bela e do Monstro cujo original data do século dezasseis, com inúmeras versões posteriores, quer para crianças quer para adultos.

É este olhar menos atento sobre as situações referidas pela comunicação social que rotula os nossos jovens de «monstros».

de um rosto, de um corpo existe um *self* que é preciso descobrir e construir. Esta descoberta e construção só é possível numa relação de empatia, apoio, segurança e amor. Neste contexto, aquele que parecia um monstro é o mais belo príncipe. A Bela, que não era apenas bela na sua aparência física mas intrinsecamente bela, conseguiu perceber e amar aquele que na sua aparência era um monstro e transformá-lo desta forma no mais belo dos seres.

É este olhar menos atento sobre as situações muitas vezes referidas pelas nossas escolas e diariamente pela comunicação social que rotula os nossos jovens de “monstros” cheios de agressividade com comporta-

mentos considerados excessivos ou não adequados. Já ao considerá-los excessivos e desadequados percebemos que estamos num terreno de fronteiras lábeis, porque mediadas por variáveis idiossincráticas. Isto é, qual o referencial que determina que um comportamento seja adequado para um determinado contexto? Isto é, esta avaliação depende de variáveis do próprio avaliador, ser ou não ser uma “bela” que o avalia. Por outro lado, depende do acontecimento e do próprio autor, ser ou não ser o monstro, por outras palavras, da sua intencionalidade e do contexto físico e temporal em que esse comportamento aconteceu.

Em suma, para definir um comportamento é necessário ter em conta a interação de variáveis de todos os intervenientes, actores, espectadores e da situação, para não corrermos o risco de uma leitura simplista com base apenas nos nossos padrões de referência ou em preconceitos.

Na história original, a Bela oferece-se para viver num castelo com um monstro para salvar a vida do pai, porque é generosa e boa. Na nossa história, a bela é a escola cuja acção é protagonizada pelos docentes e não docentes que, na maioria das vezes, por opção própria e motivação, vão conviver com monstros, todos diferentes, em castelos na sua maioria bastante degradados e situados em diferentes comunidades com características específicas. Nestes castelos, convivem pessoas com diferentes níveis de desenvolvimento em que cada um transporta consigo a sua história, as características dos seus contextos de vida, em suma, o seu *self*, e é na sua interacção que se constrói a identidade da comunidade escolar.

Monstros não são monstros assim

Isto é, para falarmos de violência nas escolas temos de a analisar numa perspectiva multissistémica, nos seus diferentes níveis individual, micro, meso, macro e cronossistémico.

Ao nível individual, é importante situarmo-nos numa perspectiva desenvolvimental, não esquecendo que os nossos monstros são adolescentes, em que o conflito com as normas e valores vigentes, o desafio à autoridade, o conflito com as outras gerações e a necessidade de ser diferente são características por demais conhecidas e tão necessárias à construção da sua identidade. Nesta perspectiva, alguns comportamentos,

como o infringir regras ou o reagir de uma forma mais ostensiva a um professor ou funcionário, parecem ter uma outra leitura que não apenas a que está a pôr em causa a autoridade do professor.

O grupo de pares, onde é aceite, compreendido e admirado, funciona como espaço psicossocial privilegiado de validação do seu *self*. A sua importância explica que muitos dos comportamentos frequentemente considerados excessivos sirvam apenas para que este adolescente se sinta valorizado, reforçando desta forma o seu auto-conceito. O sentido de pertença manifesta-se na forma de vestir, pensar e agir de acordo com os seus iguais, em que o medo de ser diferente e excluído deste grupo de referência explica muitos dos actos realizados em grupo, bem como o sentimento de incompreensão quando os adultos criticam os seus amigos e os consideram as ditas más companhias.

Finalmente, o adolescente, e tendo em conta o seu desenvolvimento socio-cognitivo, é naturalmente mais impulsivo nas estratégias que utiliza para lidar com os conflitos, usando para isso a força física. As dificuldades, cada vez maiores, dos adolescentes em lidar com a frustração e em adiar gratificações, a sua forma de funcionar no aqui e agora, não lhes permite antecipar consequências, a sua capacidade ainda reduzida de empatia com os sentimentos e pontos de vista do outro são outras tantas características que explicam comportamentos e reacções mais primárias como o andar à pancada, o destruir com um pontapé um caixote do lixo, o partir uma porta ou derrubar barreiras que simbolicamente o impedem de explorar o mundo.

Desta forma, os nossos monstros não são tão monstros assim. Os seus comportamentos têm, muitas vezes, uma explicação se olharmos às suas especificidades desenvolvimentais. Assim, não basta qualificar o acto, mas decodificar a mensagem que ele encerra.

Ainda a nível individual, não podemos esquecer os outros intervenientes nesta relação: os adultos, que interagem dentro do castelo com os monstros. Porque são seres humanos, não são perfeitos, têm também uma história pessoal, uma personalidade, problemas, construíram significados que vão determinar a forma como agem e reagem em diferentes situações. Pensemos nos jovens professores, com alguma insegurança no seu novo papel, que é comum a quem está a iniciar uma função para a qual não se sente preparado pessoalmente, ainda que o esteja a nível científico. Mas o trabalho de um professor é essencialmente relacional e a complexidade das relações humanas só se aprende na sua vivência e com uma atitude constante de reconhecimento de que quase nada sabemos.

Esta insegurança leva muitas vezes o professor a ter medo de ser posto em causa, tendo por isso dificuldade de se descentrar de si próprio, para compreender o outro nas suas vicissitudes desenvolvimentais. Por outro lado e independentemente dos seus anos de serviço, também o professor está em desenvolvimento, com as suas transições de vida que muitas vezes colidem com as dos próprios adolescentes. Não basta sermos

adultos, é necessário sermos capazes de funcionar como tal e isso implica analisar os nossos comportamentos, pondo-nos, também, em causa e percebermos que muitas vezes agimos apenas para nos auto-protegermos. O professor, além de professor, é um modelo, pelo que responder ao comportamento do aluno com o mesmo tipo de estratégia é perpetuar o problema, é manter o ciclo vicioso. Só sendo diferente consegue marcar a diferença.

A necessidade de uma comunicação bidireccional

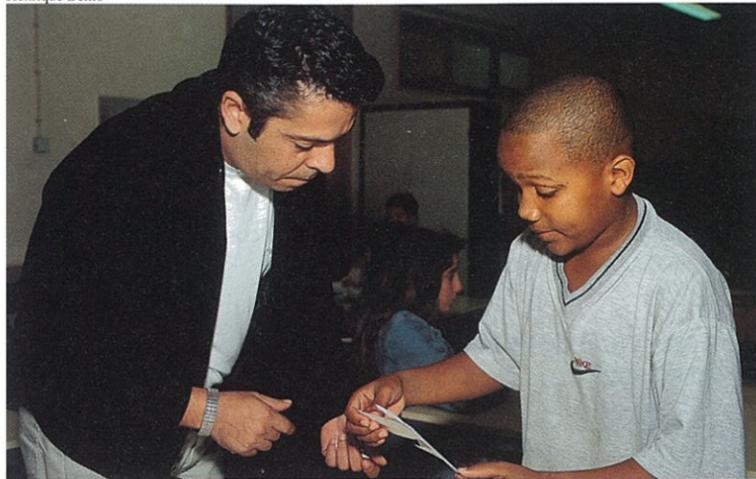
Passando, agora, a analisar o microsistema, refiro-me primeiramente à turma e posteriormente à escola. Todos sabemos que a turma é um sistema de relações em que a comunicação deverá ser bidireccional, ou antes circular, onde todos devem participar, não podendo apenas reduzir-se à sua expressão verbal de conhecimentos, onde é esperado haver um emissor e vários



Henrique Bento

receptores. É do conhecimento geral que comunicar, no sentido real do termo, é complexo e, por isso, a mesma mensagem é necessariamente recebida de maneira diferente por diferentes receptores. Aquilo que pode ser motivador para uns pode não ser para outros e é aqui que o não verbal nos informa de que maneira está a ser recebida a nossa mensagem, ou mesmo se está a ser recebida. Para que esta circularidade da comunicação seja possível, é necessário estar atento às mensagens que os jovens alunos nos enviam, decodificá-las e ir de encontro a essas mensagens. Não basta para isso chamar a atenção mas transmitir que percebemos que algo se está a passar ajudando esse aluno a participar neste processo relacional. Não podemos esquecer que, numa fase de desenvolvimento abrupto, corporal e psicológico, em que os nossos alunos se encontram, não é fácil permanecer participativo durante

A participação de todos os elementos da turma só pode ser conseguida num contexto espacial em que todos os canais de comunicação estejam abertos.



Só através de uma relação segura e genuína é possível interiorizar estratégias adequadas à convivência social.

ele não controla e desconhece. Atitudes que tenham como objectivo controlar o problema vão apenas tapar um buraco, não procuram desvendar a mensagem que esse comportamento transmite, nem promover o desenvolvimento do aluno. São, no máximo, uma tentativa primária de criar condições para que o professor possa transmitir o seu saber, mas não promovem a capacidade de o aluno aprender. A participação de todos os elementos que constituem a turma só pode ser conseguida num contexto espacial em que todos os canais de comunicação estejam abertos e, para isso, é fundamental que o contacto ocular seja possível entre todos os participantes nesta relação. Sendo assim, não se percebe por que motivo a distribuição no espaço sala de aula persiste em permanecer de forma a que os alunos não se vejam uns aos outros e o professor circule ao longo da sala, na medida em que este tipo de distribuição contribui para que o professor continue a ser o principal actor e os alunos os espectadores passivos. Desta forma, parece que estamos a contribuir mais para a não comunicação e consequentemente para a não relação. Assim, escrever numa parede, destruir ou danificar bens, será um acto de vandalismo ou a transmissão de uma mensagem, da sua identidade, uma forma de exprimir os seus sentimentos de frustração e/ou ansiedade, ou ainda, para promover o seu estatuto perante os colegas ou, finalmente, porque não sente o seu castelo como seu, uma vez que, aliás, já está suficientemente degradado? Será violento o aluno que agride fisicamente ou verbalmente outro, porque não é detentor de outras estratégias para a resolução dos seus conflitos, ou porque é incapaz de perceber o ponto de vista e os sentimentos do outro? Será violento o jovem que desafia a autoridade dos professores ou outros adultos por uma necessidade de desafiar essa autori-

dade e de contestar normas e valores por eles veiculados? Será violento aquele que reage de uma forma impulsiva porque se sente ferido na sua dignidade e não sabe lidar com a frustração, a angústia e os conflitos? Ou, pelo contrário, serão os adultos agressivos porque não respeitam a confidencialidade, porque menosprezam os problemas dos adolescentes – considerando-os banais e transitórios e, portanto, não provocando sofrimento suficiente para serem respeitados? Será o adulto violento quando faz comentários públicos (na turma ou junto de outros adultos) pouco ou nada simpáticos, como se não ferissem a auto-estima dos mais jovens? Serão violentos os professores que já se esqueceram que foram adolescentes e, porque são adultos, se dão o direito de fazer comentários que funcionam como autênticas humilhações? Serão violentos os professores que não valorizam os sucessos, ainda que pequenos, provocando, desta forma, sentimentos de injustiça, revolta e desmotivação? Serão violentos os adultos que promovem uma competição perfeitamente alienante entre os seus alunos, esquecendo que a solidariedade é um valor essencial no relacionamento humano?

Serão violentos os adultos que querem que os seus jovens oiçam o que eles dizem, mas que não vejam o que eles fazem? Ora, nós sabemos que as relações entre docentes, em algumas situações, não são os melhores modelos de respeito mútuo, solidariedade e compreensão. Serão violentos os adultos que querem que os seus jovens se comportem como se de adultos se tratasse? Finalmente, serão violentos os jovens que cometem suicídio, se drogam ou deixam de comer? Serão necessárias estas mensagens extremistas para que os adultos percebam que algo não está bem? Quem é, então, a vítima e o quem é agressor?

A relação como base do conhecimento

Voltando à história da Bela e do Monstro... Se ela, quando chegasse ao castelo, se negasse a comunicar com o monstro, ou usasse estratégias de retaliação, jamais compreenderia e se apaixonaria por aquele ser tão desprezível na sua aparência. Todos sabemos que os monstros, quando presos, isolados e não acarinhados, aumentam a sua tensão e que muitos monstros juntos acumulam uma tensão dificilmente controlável. No entanto, as nossas escolas persistem em fazer turmas destinadas aos alunos mais subordinados e, de preferência, dão esses horários aos professores mais jovens, porque não têm ainda estatuto para escolher os seus horários. Em suma, sem relação não há conhecimento – sem conhecimento tendemos a atribuir significados apenas em função do nosso ponto de vista. Centrados em nós, facilmente fazemos identificações projectivas, o que não permite a metacomunicação. Não metacomunicar rapidamente leva à escalada e, portanto, a um diálogo de surdos.

A escola deveria ser um espaço partilhado com uma identidade própria, com regras consistentes, com objectivos comuns, com investimentos e sentido de responsabilidade que promovessem a criatividade e o crescimento de toda a comunidade escolar, com fronteiras e hierarquias definidas, em que cada um soubesse e pudesse usufruir do seu papel e do seu espaço e liberdade. No entanto, o que encontramos, na maioria das vezes, é uma identidade fragmentada, sem um sentido de singularidade, continuidade e unicidade. Como poderá, desta forma, contribuir a escola para a construção da identidade dos seus jovens, quando estes precisam de um contexto estruturado, que funcione como base segura para a exploração necessária à construção da sua identidade?

As situações perturbadoras da vida escolar ou do bem-estar dos seus actores devem ser, como todas as outras, analisadas de uma forma sistémica e não unilateral. Por isso, o problema da violência tem de ser descentrado do jovem, deve ser visto como uma forma de comunicação, de relação com o outro físico e social. E, só através da relação, de uma relação segura e genuína, é possível mudar e interiorizar estratégias adequadas à convivência social.

A escola é também uma instituição geradora de regras próprias. Estas regras deverão ser claras, ter subjacente uma lógica compreendida por todos e ser positivas para todos. Na maioria das vezes, as regras nas escolas dependem do actor que as define e avalia e do monstro que as infringe. Esta inconsistência parece funcionar de forma mais desestruturante que estruturante, porque o jovem nunca sabe quando está a infringir uma regra ou a obedecer-lhe. Por outro lado, para que uma regra seja aceite, é necessário que o jovem perceba a sua pertinência. Ora, quando esta é definida apenas em função dos benefícios de alguns, torna-se até saudável que a infracção aconteça como forma de defender os direitos do infractor. Não queremos jovens conformistas e não queremos escolas que desenvolvessem identidades vicariantes e difusas.

Acção concertada entre a escola e a família

Quando uma criança vai para a escola, para o seu castelo encantado, vai cheia de sonhos acreditando que aquele espaço lhe vai proporcionar a sua realização. Simultaneamente, tem algum medo, porque é uma experiência nova num mundo desconhecido. Rapidamente se confronta com um castelo feio, desconfortável, onde parecem não existir nem belas, nem príncipes nem jardins com rosas bonitas que os motivem a jardinar... Este processo de desilusão vai aumentando conforme ela vai crescendo e a melhor forma de lidar com esta frustração é criar uma aparência de monstro, defendendo-se deste espaço inóspito e pouco acolhedor, que não gera um sentido de pertença. Sabendo que a escola é, sem dúvida, o espaço onde os jovens passam a maior parte do seu tempo, não se entende, pois, por que persiste em não oferecer oportu-

nidades em contextos que permitam aos seus jovens descarregar as suas tensões, dar espaço à sua imaginação e criatividade.

Mas a escola não está isolada, ela é um sistema aberto, embora muitas vezes com pouca permeabilidade, inserida numa comunidade e numa sociedade que directamente ou indirectamente interferem com o seu funcionamento. E quando se analisam as questões da violência, facilmente se confunde o que realmente é vivência intra-escola com o que acontece no macrosistema em que está inserida. Os



nossos castelos estão no meio de florestas por vezes povoadas de assaltantes e seres violentos. Na história original, o pai de Bela, desprotegido e cansado no meio da floresta, encontrou no castelo do Monstro um refúgio e um abrigo. O Monstro, como bom anfitrião, recolheu-o e satisfaz as suas necessidades. Será que as nossas escolas funcionam como porto seguro para os nossos alunos? Será que satisfazem as suas necessidades ou, pelo contrário, confundem-nos com os agressores exteriores?

Sendo a família e a escola as duas principais instituições de socialização e desenvolvimento dos nossos jovens, é essencial que as suas relações sejam desenvolvidas. Dito de outra forma, é necessário promover um maior envolvimento dos pais na vida escolar, não só porque estes também são membros integrantes deste contexto mas também por esse envolvimento ser uma maneira de mais facilmente reforçar e credibilizar as actuações da escola – tudo isto, para evitar que se caia em inconsistências que mais não fazem do que

Também o professor está em desenvolvimento, com as suas transições de vida que, muitas vezes, colidem com as dos adolescentes.

A escola deveria ser um espaço partilhado com uma identidade própria, com regras consistentes, com objectivos comuns, com investimentos e sentido de responsabilidade.



A turma é um sistema de relações em que a comunicação deverá ser bidireccional.

desestruturar os jovens vítimas de atitudes de adultos que não conseguem dialogar.

Mas, por outro lado, não podemos esquecer que a família é ela também geradora de violência. Não querendo de forma alguma remeter toda a responsabilidade para a escola, parece-me, no entanto, que ela pode funcionar como figura estruturante destes jovens, quer porque pode ser figura de vinculação segura quer porque pode funcionar como modelo para os seus jovens alunos e familiares. A escola pode, ainda, dispor de serviços, com técnicos especializados, oferecendo às famílias oportunidades de usufruírem de intervenções promotoras ou remediativas, ajudando-as a encontrar formas alternativas de funcionamento. Deste modo, a escola poderá fazer face às variáveis do contexto familiar que contribuem para o desencadear ou a manutenção de comportamentos agressivos dos jovens.

Em muitos casos, as famílias não estão suficientemente despertas para a importância e as implicações de alguns destes aspectos, mas frequentemente os pais interrogam-se sobre como lidar com questões inerentes ao processo de desenvolvimento dos seus filhos. Se tiverem respostas adequadas, muitas destas dúvidas poderão transformar-se num verdadeiro contributo para a prevenção de comportamentos desadequados, quer das famílias quer do próprio jovem.

Ou seja, não é possível continuar a jogar o jogo do empurra e a procurar sistematicamente explicações causais no exterior. É necessário quebrar este ciclo vicioso, começando por descentrar o problema dos alunos e procurar estratégias conjuntas com a família – já que os objectivos são comuns – para que, finalmente, se torne possível desvelar monstros e não revelar monstros.

Padrões de referência contraditórios

Mas, para melhor compreendermos as relações da comunidade escolar, temos de alargar a nossa análise a

níveis dos macro e crono-sistemas, porque estamos inseridos numa sociedade, numa cultura e num momento histórico com características específicas que nos influenciam positiva ou negativamente com as suas mensagens.

Vivemos numa sociedade com valores mais tecnicistas que humanistas, em que o prazer imediato, o sucesso e o consumismo são a sua essência. As pessoas valem mais pelo que aparentam (a marca que vestem, o carro que têm), do que por aquilo que são. A procura insana destes valores leva a uma competição desenfreada em que tudo vale para atingir os objectivos. Além disto, o discurso político e social está cheio de mensagens paradoxais: falam de paz mas fazem a guerra; falam de profissionalismo mas criam desemprego ou emprego precário; falam de formação mas dificultam o seu acesso ou vendem formação de má qualidade; falam de igualdade de direitos mas uns são mais iguais do que outros; falam de solidariedade mas promovem a competição; falam de respeito e compreensão e no entanto insultam-se publicamente; falam de igualdade de géneros e no entanto apresentam modelos que já estão ultrapassados para as necessidades actuais de convivência. Estes são alguns exemplos de padrões de referência que são, actualmente, oferecidos aos nossos jovens, para que eles os utilizem como guião para a construção da sua identidade.

As pessoas, de uma forma geral, vivem a correr contra o tempo, em espaços exíguos situados em ilhas na vertical, o diálogo passou a inquérito ou telegrama, o isolamento no meio da multidão passou a ser uma realidade. Por muito dura que seja esta imagem, é esta sociedade que nós oferecemos aos nossos jovens, não restando senão a procura obsessiva de relações virtuais de proximidade, agudizando desta forma o seu isolamento e o sentimento de vazio.

É neste contexto que algumas escolas e a comunicação social persistem em rotular os nossos jovens de monstros violentos. Não seremos todos nós muito mais violentos porque, sendo educadores e adultos, fechamos as portas dos nossos castelos e ignoramos ou fazemos que ignoramos o nosso papel neste processo, delegando responsabilidades sistematicamente nos outros?

Na história original, a Bela, não se confinando à aparência física, descobriu e amou aquele que era o mais belo dos seres e, quando lhe declarou o seu amor, este revelou-se o mais belo príncipe. A nossa história não tem ainda um fim, mas espero que seja também um fim feliz.

Referências bibliográficas

- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of Human Development*. Harvard U. Press.
 Vale, D. & Costa, M. E. (1999). *Violência nas Escolas*. Lisboa. IIE.